



Ninguém apeia a Kátia

NOVO GOVERNO Apesar das críticas e dos processos, a líder ruralista continua favorita a uma vaga no ministério

POR ANDRÉ BARROCAL

KÁTIA ABREU vive um fim de ano dourado. Venceu uma disputada eleição por apenas 6 mil votos de vantagem e reelegeu-se senadora pelo PMDB de Tocantins. Dias depois, obteve um terceiro mandato à frente da Confederação Nacional da Agricultura, a mais influente entidade patronal do setor. Em meados de novembro, passou a ser citada como futura ministra da Agricultura, escolha pessoal de Dilma Rousseff.

Nem tudo são flores, porém. A notícia da nomeação produziu uma inimaginável união entre os sem-terra e o maior frigorífico do planeta. OMST e a JBS Friboi tornaram-se os maiores críticos à escolha da senadora, envolvida em episódios e processos suspeitos que tornam a sua indicação uma decisão arriscada para o governo.

Principal processadora de carnes do mundo, a JBS fez lobby explícito contra a peemedebista. O presidente do grupo, Joesley Batista, enviou um emissário ao vice-presidente, Michel Temer, para checar se a notícia era verdadeira. Temer tem boas relações com a família e foi o artífice da filiação ao PMDB de Júnior Friboi, o primogênito. Diante da confirmação, Batista reuniu-se dias depois com a presidente da República. Entre um comentário e outro sobre os rumos do País, expôs sua contrariedade, embora a JBS negue a queixa.

É pouco provável que a reclamação do frigorífico reverta a disposição de Dilma de nomear a ruralista. No Palácio do Planalto, há até quem veja vantagem no vazamento das divergências entre os Batista e a senadora. O recuo na indicação, avalia essa fonte, seria visto neste momento não como um gesto a favor das forças progressistas signatárias de um recente manifesto anti-Kátia Abreu, mas uma genuflexão perante o maior financiador de campanha. Dos 318 milhões de reais arre-

para uma dúvida: a bancada da Friboi no Congresso apoiaria a futura ministra em caso de choque com a empresa?

Em 2013, a senadora foi à tribuna atacar a JBS e acusá-la de sufocar a concorrência. Andava inconformada com a propaganda “Carne é Friboi”. No discurso, defendeu os mais de mil pequenos abatedouros aptos a comercializar o produto, graças a certificados expedidos por órgãos estaduais e municipais de inspeção. Nas últimas semanas, circulou no Congresso uma tentativa de acabar com tais repartições regionais e concentrar tudo no Ministério da Agricultura. Os critérios federais são mais rígidos, e não há tantos técnicos disponíveis em Brasília para percorrer o País. Os frigoríficos menores estariam ameaçados. A proposta, dizem parlamentares, foi feita sob medida para a Friboi, dona de atestado federal. Entrou na Medida Provisória 653, prestes a vencer por falta de votação. Dificilmente prosperaria com a ruralista no ministério.

Também é de se supor que Kátia Abreu se oporia aos assentamentos rurais e reservas indígenas, temor dos signatários do manifesto contra sua nomeação, entre eles João Pedro Stedile, do MST. Segundo o movimento, o governo Dilma tem sido o pior para a reforma agrária desde a ditadura. A escolha da presidente da CNA para o ministério, acredita, só aprofundaria a tendência de o assunto sair defini-



Oposição. Joesley Batista e Stedile contra a nomeação da peemedebista

cadados pelo comitê dilmista, cerca de 50 milhões saíram da JBS. A empresa é, aliás, o grande patrocinador da política brasileira. Na eleição, injetou espantosos 365 milhões de reais em candidaturas diversas. Entre eleitos e derrotados, espraia-se um sentimento de gratidão Brasil a fora. E



TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. XX

Corrupção.

A Castelo de Areia serve
para entender a Lava Jato

A senadora tem
a confiança da
presidenta



CASAL JÚNIOR E CELSO JÚNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO

tivamente da lista de iniciativas federais. Em artigo publicado no sábado 29, a candidata a ministra criticou a demarcação de terras indígenas e defendeu o ministro Gilmar Mendes, responsável por uma recente decisão do Supremo Tribunal Federal contra uma reserva em Mato Grosso do Sul. Figura ligada umbilicalmente à oposição, Mendes examina no Tribunal Superior Eleitoral as contas de campanha de Dilma e tem criado um clima de terror antes de seu parecer, que deve sair até o dia 18. Teme-se que sua análise alimente a onda de *impeachment*. Pelo elogio público em momento delicado, entre outras, avalia uma liderança do PT, a escolha da senadora deveria ser abandonada.

A líder ruralista tem seus próprios problemas, além disso. Uma operação da Polícia Federal contra fraudes agrárias acaba de prender um financiador da peemedebista. Marino Franz e sua Fiagril doaram 550 mil reais neste ano à sua campanha. E, por causa de um episódio da eleição de 2010, Kátia Abreu corre o risco de perder os direitos políticos. Ela pediu dinheiro a produtores rurais para eleger uma bancada do setor por meio de boletos de 100 reais. Sem identificação nos papéis, o repasse foi considerado ilegal. Por dirigir a CNA, a iniciativa se configuraria como abuso de poder econômico. De acordo com o Ministério Público Federal, a senadora é culpada. O Tribunal Superior Eleitoral prepara-se para julgar o processo.

Em outro caso a envolver boletos de cobrança, a ministeriável teve sorte. Há três meses, o STF arquivou quatro inquéritos sobre o uso indevido do símbolo oficial pela CNA. A confederação tinha encaminhado a filiados guias de recolhimento de contribuição sindical com seu logotipo, o brasão da República e o símbolo do Ministério do Trabalho. Alguns destinatários pensaram tratar-se de cobrança do governo. A Procuradoria-Geral da República



Seu País

entendeu não haver prova de participação de Kátia Abreu na irregularidade, e ela foi excluída das investigações.

Apesar de tudo, Dilma Rousseff parece disposta a integrá-la à sua equipe. A presidenta arquiteta um ministério de mais peso político, acha necessário um trânsito melhor no setor rural e tornou-se amiga da senadora. A peemedebista foi uma grande defensora da nova Lei de Portos, topou encampar uma proposta de mudança na Lei de Licitações, um sonho federal, e apoiou a petista na eleição. Se nada de mais grave surgir a respeito da ministeriável, ela será anunciada logo após sua posse para um novo mandato no comando da CNA, na segunda-feira 15.

A presidenta não exhibe a mesma determinação em outros casos. O destino do governador da Bahia, Jaques Wagner, segue um mistério. O petista reúne todas as credenciais para ocupar um cargo de destaque. Mantém boa relação com a mandataria desde quando eram ministros no governo Lula e é amigo do ex-presidente, que enxerga em Wagner um político diferente. O mais badalado petista do momento garantiu 70% dos votos à presidenta no quarto maior colégio do País, além de ter eleito no primeiro turno o sucessor, também do PT. Na bolsa de apostas pós-eleição, foi citado para cargos diversos. Até agora, nada.

O impasse, arrisca um assessor do Planalto, explica-se por uma questão ainda não resolvida pela presidenta: ter ou não Wagner no Palácio do Planalto? A ideia de nomeá-lo a um posto palaciano esbarraria na resistência do chefe da Casa Civil, Aloizio Mercadante. Este parece torcer o nariz para qualquer concorrência na disputa pelo coração de Dilma Rousseff, por cultivar a (ingênua) esperança de sucedê-la. Consta que anda com tanto ciúme de Dilma que



Wagner ainda sem lugar na Esplanada

tenta saber até com quem ela conversa ao telefone.

Desde o fim da eleição, Dilma Rousseff e Wagner conversaram ao menos três vezes, uma delas na presença de Lula e Mercadante. O governador, diz um parlamentar aliado, aguarda sua missão, provavelmente fora do Planalto. Talvez na Integração Nacional ou nas Comunicações. Sem a definição, o governador saiu de cena nos

últimos dias. Refugiou-se em um spa na Serra Gaúcha. A interlocutores mostrou a disposição de evitar a pressão de aliados ansiosos. E declarou não se importar de desfrutar de um ano sabático, caso o convite para integrar o governo não for do seu agrado.

Nome certo na equipe é o senador Armando Monteiro Neto, do PTB, indicado oficialmente na segunda-feira 1º para o Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. O favorito para o cargo era Josué Gomes da Silva, da Coteminas, mas não houve saída para um impasse. A Coteminas tem como sócio o BNDES e este se subordina ao Desenvolvimento. Conflito ético. Um dia após a nomeação, o parlamentar petebista conversou no plenário do Senado com o tucano Aécio Neves e disse que o governo não fará um “arrocho fiscal”, mas ajustes graduais nas contas públicas. Um recado parecido àquele enviado em carta por Dilma Rousseff ao ban-



Monteiro Neto no Desenvolvimento

co JP Morgan, promotor na terça 2 de um encontro com mais de mil investidores.

A falta de um “arrocho fiscal” ainda em 2014 provocou tumultos no Congresso. O Planalto conseguiu aprovar, em uma primeira votação, uma mudança legal que, na prática, libera o governo de cumprir a meta de economia deste ano. A medida impede um processo contra a presidenta por crime de responsabilidade. A dificuldade na aprovação demonstrou outra vez a disposição golpista da oposição. Na véspera, duas dezenas de manifestantes mobilizados pelo PSDB do Distrito Federal bagunçaram a sessão com gritos contra Dilma e o PT. Houve confronto com seguranças e até entre parlamentares. Tudo sob os auspícios de Aécio Neves: “A população brasileira acordou”.

Por ordem do presidente do Congresso, Renan Calheiros, a sessão seguinte foi fechada. Cada vez mais parecido com um beato milenarista, o cantor Lobão foi a Brasília defender a abertura do Congresso aos manifestantes. É uma inversão total da realidade: o grupelho ar-

regimentado pelos tucanos que tentou de forma truculenta impedir uma votação legítima do Parlamento reclamava da ausência de democracia.

Para aprovar a medida, Dilma teria contado com o apoio do governador paulista Geraldo Alckmin. O tucano teria ligado a parlamentares para pedir a mudança nas regras. No dia seguinte, Alckmin participou com Dilma de um ato público no Planalto, no qual foi assinada a liberação de verba para atenuar a falta d'água em São Paulo. Na luta pela indicação do PSDB em 2018, Aécio Neves e Alckmin definiram seus papéis. O primeiro será o policial mau. O segundo, o bom. Como se dava nos tempos da república, que Dilma conhece muito bem. •

Mercadante trabalha para manter Wagner longe do Palácio



Enquanto Aécio
Neves morde...



...Alckmin assopra.
Dilma deveria
reconhecer a estratégia

